

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda São Lourenço

código
AV – FO5 – Car

localização
Rodovia RJ-158, no sentido Porto Velho do Cunha

município
Carmo

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
sem uso / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



fonte: IBGE - Além Paraíba



Fazenda São Lourenço

coordenador / data **Sonia Mautone Rachid – jun 2010**
equipe **Sonia M. Rachid, J. Roberto M. Ribeiro e Marcos Vinícius S. Gomes**
histórico **Sonia Mautone Rachid**

revisão / data
Thalita Fonseca – jul 2010



situação



ambiência

Através da rodovia RJ-158, que margeia o Rio Paraíba do Sul, seguindo no sentido para Porto Velho do Cunha, chega-se ao trevo de acesso a Carmo, onde, após 5,5 km deste ponto, vê-se placa indicativa para Ilha dos Pombos. Direcionando-se conforme orientação da placa citada, percorrendo cerca de 8,5 km para chegar à localidade de Porto Velho do Cunha (3º distrito do município), de onde uma estrada de terra batida conduz, após trajeto de 3,2 km, à sede da Fazenda São Lourenço.

Da porteira se vê o imponente casarão antecedido por um vasto gramado (f01). À direita, num desnível contido por arrimo de pedra, está situado o curral (f02) e um telheiro (f03). Mais abaixo, toda uma área de arvoredos com espécies de grande porte, bambuzais e muitas palmeiras imperiais que nasceram aleatoriamente (f04), além de um pomar com jabuticabeiras, jaqueiras, abacateiros, mangueiras e muitas outras frutíferas. A fauna da região também é muito rica, com registros de onça jaguatirica, cachorro do mato e macacos barbados.



01



02



03



04

A área de mata estende-se desde o acesso até a lateral direita da casa-sede, curso onde são identificadas diversas fundações em pedra (f05, f06 e f07), ruínas das antigas edificações que compunham a fazenda. Aos fundos da casa-sede, localizado em um aclave, há um tanque em lajeado de pedra, que recebe a água da nascente (f08).

À direita do sobrado (f09), uma construção rudimentar contrastante com o estilo local é utilizada como paiol (f10 e f11).

Junto à fachada lateral esquerda (f12), uma murada em pedra segue paralela à casa, mantendo com esta um afastamento de quase um metro (f13).



05



06



07



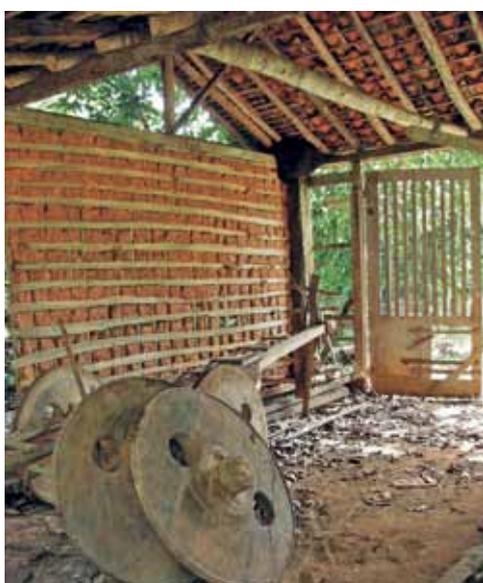
08



09



10



11



13



12

Esta murada serve de arrimo para um platô (f14), onde existe um jardim (f15) para o qual se abre a grande sala de visitas. A estrada que segue contornando a propriedade, possivelmente, era o caminho principal de chegada a ela.

Avançando pelo portão existente entre a casa-sede e o paiol, pode-se observar, alinhados no solo, blocos e socos de pedra que se constituem nos resquícios de uma parte do casarão que foi demolida (f16); no pilar de madeira ainda se veem as marcas dos encaixes das peças da edificação contígua (f17). Segundo relatos, o sobrado se estendia até a pocilga, cuja base em soco de pedra (f18) provavelmente sinaliza o final da construção. As janelas dos quartos, que estão na fachada posterior, abrem-se para frondosas mangueiras (f19). Nesta fachada, além da entrada para o porão, uma escada de alvenaria permite acessar o andar superior, onde estão a cozinha e os banheiros, em bloco anexo construído por volta de 1940 (f20).

Até a década de 20, a Fazenda São Lourenço ainda mantinha suas inúmeras construções do entorno, as quais serviam de apoio à produção cafeeira, bem como os antigos terreiros de secagem de café, distribuídos em patamares à frente do casarão (f21).



14



15



16



17



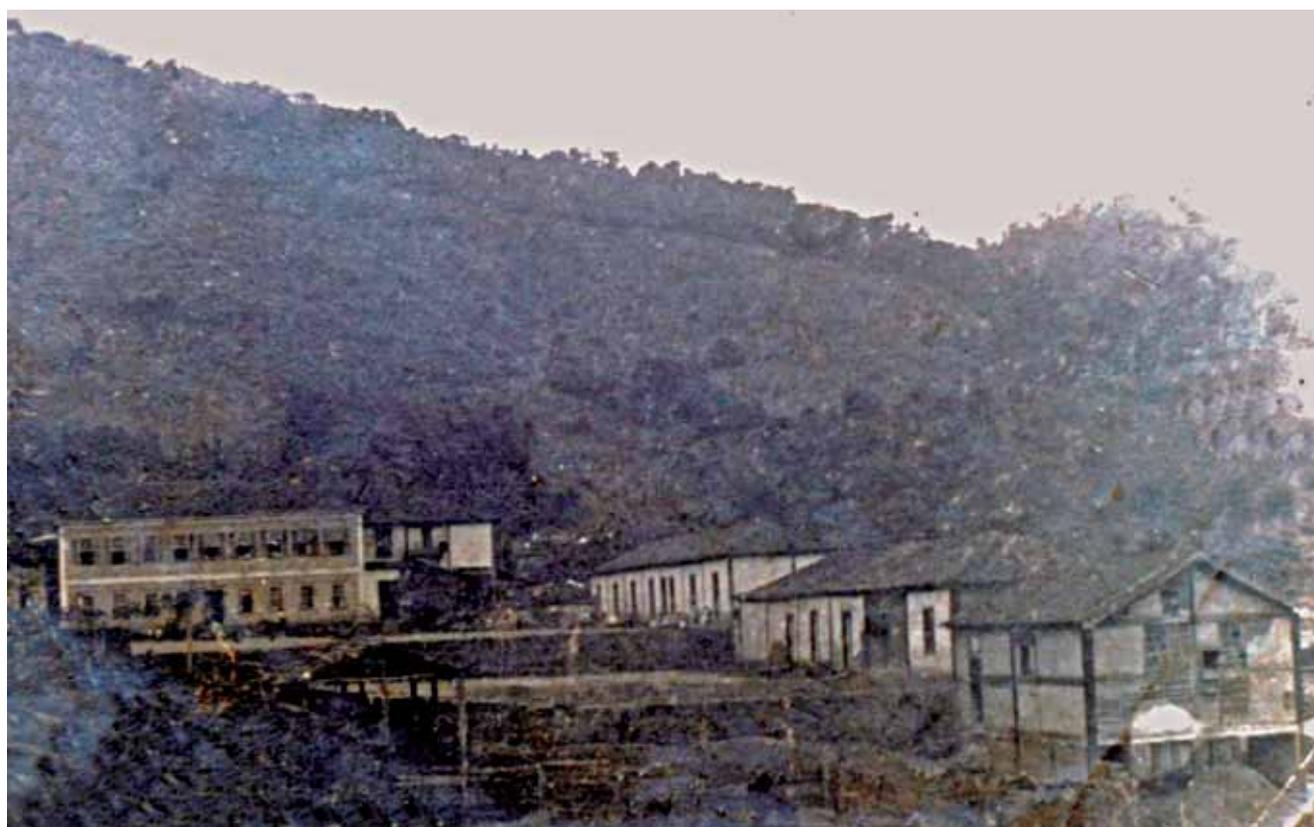
18



19



20



21

A casa-sede tem estrutura em gaiola de madeira (barrotes, madres, frechais e pilares), com o fechamento das paredes superiores em pau a pique caiadas em amarelo; recebem as esquadrias, cunhais e cimalkas de fechamento do beiral um tom azulado, desbotado pelo tempo (f22). A cobertura, com ponto alto, tem telhado de capa e bica, o qual apresenta na fachada posterior um beiral encachorrado (f23).

O casarão sobre embasamento de pedra possui porão habitável, cujas paredes são também em pedra, revelando em sua fachada principal a sobriedade e a altivez de um palacete, marcada pela simetria e ritmo de suas esquadrias (f24 e f25).

Uma calçada de maciços blocos em cantaria encaminha para a portada principal, cujo vão é guarnecido de umbrais com capitéis, verga e sobreverga em pedra talhada (f26), e encimada por uma placa esculpida e datada de 1865 (f27).



22



23



24



25



26



27

As esquadrias em verga reta não exibem mais as guilhotinas originais, apresentando apenas as folhas cegas de fechamento interno, levando o visitante a imaginar a beleza do conjunto arquitetônico em sua integridade. O porão apresenta três portas de acesso pelos fundos, as quais conduzem a uma cozinha, banheiro e área de depósitos. Na fachada frontal, o acesso ao porão leva a um vestíbulo (f28) que distribui o fluxo para dois salões, o da esquerda, já subdividido por paredes em alvenaria e divisórias de madeira.

Uma escada – com degraus e guarda-corpo em peças de madeira torneada (f29) – conduz ao pavimento superior e, no patamar, observa-se verga em arco rebaixado. No segundo pavimento, um *hall* (f30) fornece acesso à sala de visitas e à sala de jantar.

A ampla sala de visitas (f31), com dois quartos ao lado (f32), possui uma entrada pela lateral da casa. Este acesso lateral é protegido por uma pequena varanda (f33), com cobertura em meia-água de telhas francesas, e serve como passadiço sobre o afastamento entre a casa e o jardim, delimitado por mureta baixa de tijolos maciços, e caminho cimentado entre os canteiros de murta e ornamentais.



28



29



30



31



32



33

A sala de jantar (f34) leva à despensa (f35) – cuja janela, voltada para o vão da escada (f36), é fechada por gradeado em madeira recortada –, aos quartos (f37) e à espaçosa copa que distribui para mais três quartos (f38). Os banheiros (f39) e a cozinha (f40) foram construídos sobre edificação de alvenaria apoiada em pilares de concreto armado, com cobertura de telhas francesas e uma escada para o exterior (f41); sob esta laje encontra-se uma área para os tanques.

No que diz respeito às esquadrias, somente as posteriores do porão são simples folhas cegas, sendo as demais almofadadas, com frisos decorativos na cor vinho. Os banheiros possuem básculas de ferro. Internamente, as portas têm bandeira com caixilharia de vidro. Todas apresentavam vidros coloridos e os caixonetes e rodapés pintados de azul (f42), folhas almofadadas na cor palha e frisos contrastantes (f43). Há, ainda, relatos de que um fino papel decorativo revestia todas as paredes.

As alas social e íntima têm piso em tabuado de madeira e forro em saia e camisa (f44), enquanto nas dependências de serviço há maior diversidade nos acabamentos. Os banheiros têm cobertura em laje, piso em ladrilho cerâmico e são azulejados; na cozinha, o piso é cimentado e a cobertura, de telha vã.



34



35



36



37



38



39



40



41



42



43



44

A estrutura do casarão não apresenta nenhum comprometimento, porém observa-se que, no porão, vigas e pilares de concreto armado (f45) foram construídos, há aproximadamente 15 anos, para reforçar alguns barrotes de sustentação do piso. Cimalthas, cunhais e madres apresentam deterioração por ação das intempéries (f46 e f47), mas a cobertura está aparentemente bem conservada, não tendo sido possível, no entanto, avaliar seu madeiramento e a instalação elétrica.

As alvenarias externas estão cobertas por sujidades, enquanto o embasamento apresenta pulverulência, umidade e limo, patologias provenientes da falta de insolação e excessiva umidade (f48), em função da posição permanente em área de sombra dos arvoredos. Há, ainda, trechos com ausência de revestimento e exposição do elemento construtivo, que acelera sua degradação (f49).

As esquadrias apresentam folhas bastante degradadas (f50 e f51), com todas as janelas sem as guilhotinas originais. No porão, algumas delas estão de fato comprometidas (f52), sem condições de uso, e, devido à pouca ventilação e iluminação, é grande a incidência de morcegos, observada pelas paredes sujas de excremento desses animais (f53). No *hall*, uma parede de pau a pique encontra-se em processo de desabamento (f54), já tendo afetado o caixonete da porta. O assoalho apresenta partes destruídas pela ação de insetos xilófagos (f55), com áreas sem condições de uso (f56). Em alguns cômodos, fissuras na verga e infiltração descendente afetam o forro, paredes e o assoalho.

Observa-se também que algumas intervenções foram realizadas na casa, como a subdivisão interna de alguns cômodos com paredes de alvenaria e uma das portas dos fundos que foi transformada em janela (f57).



45



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55

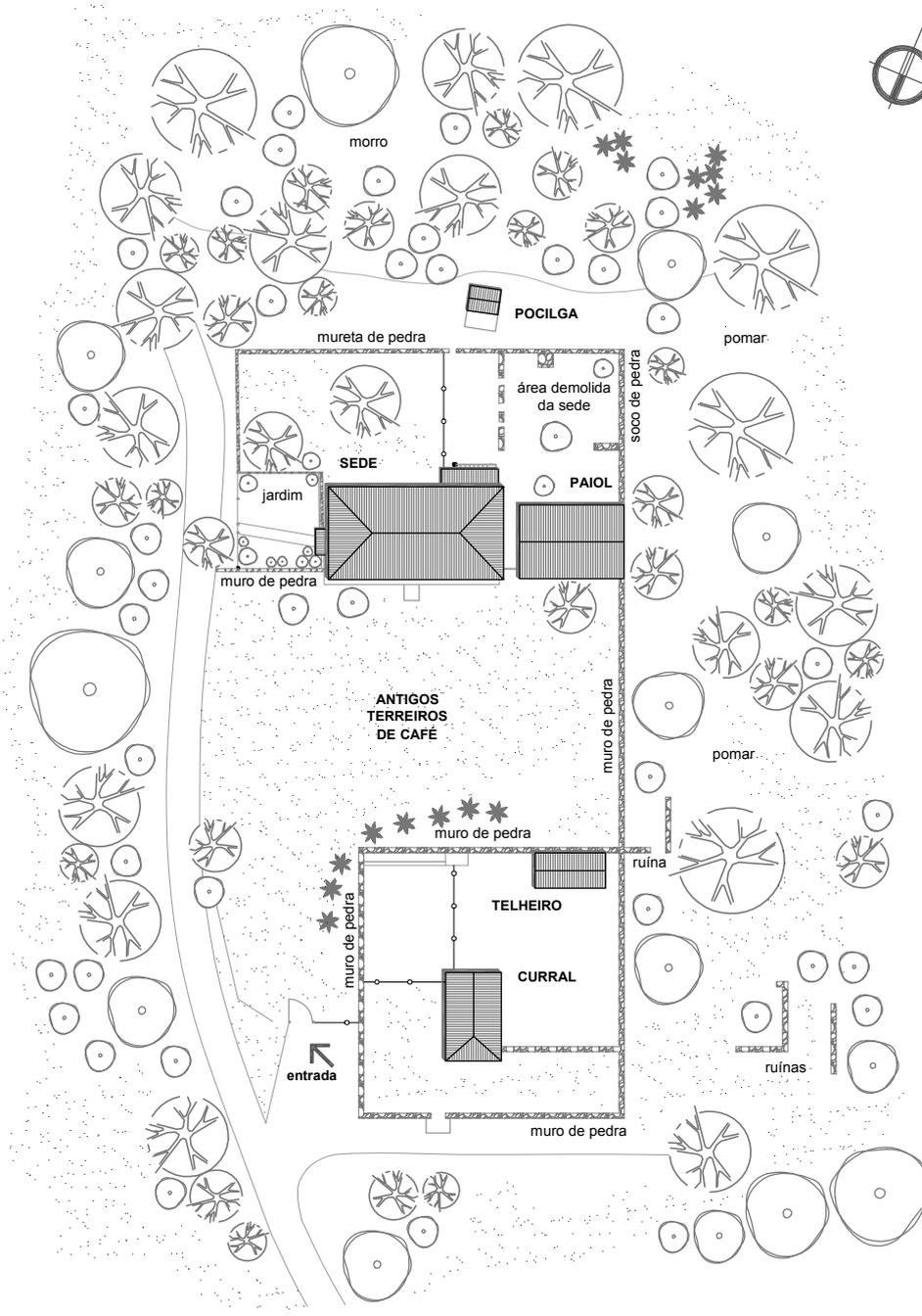


56



57

FAZENDA SÃO LOURENÇO



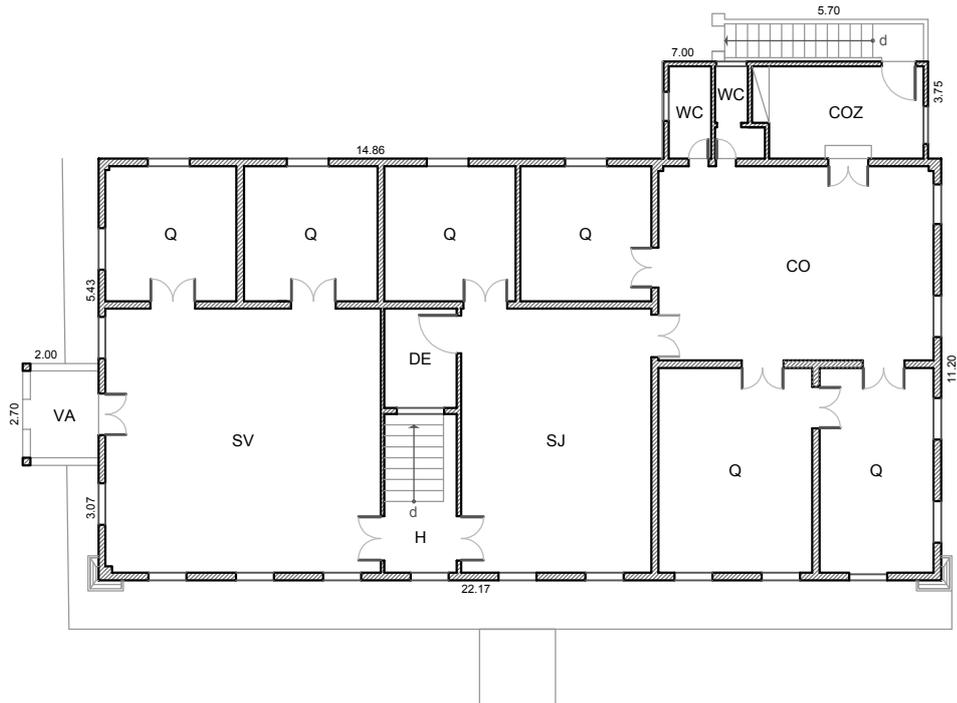
1

Implantação

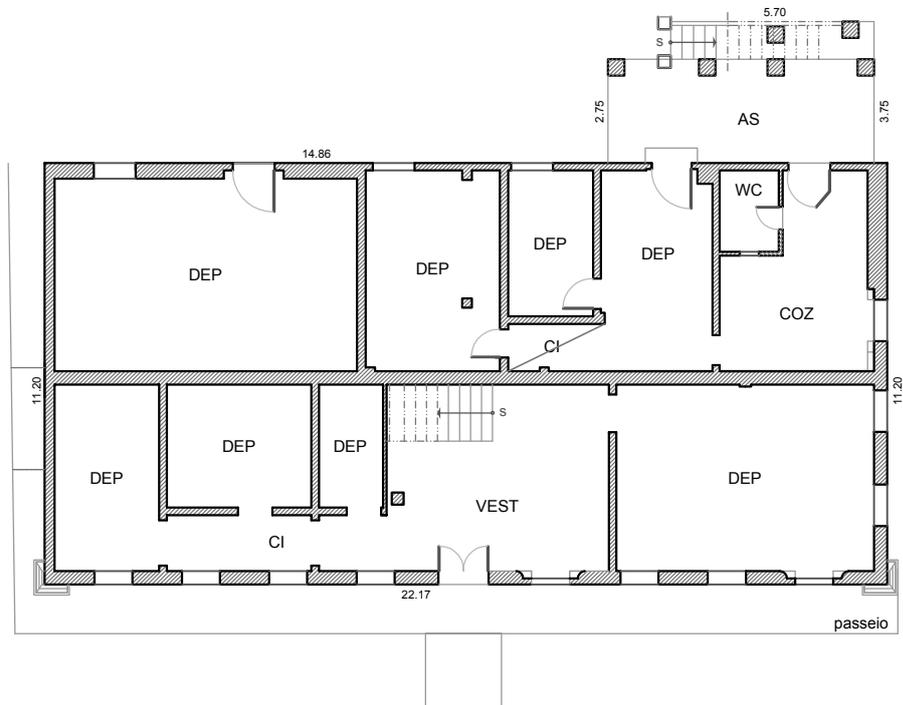
escala: 1/1000



FAZENDA SÃO LOURENÇO



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200



1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/200



AS - área de serviço	CO - copa	DE - despensa	Q - quarto	SV - sala de visita	VEST - vestíbulo	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	DEP - depósito	SJ - sala de jantar	VA - varanda	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F04 - Car

2/2

equipe:
Sonia Mautone Rachid / J. Roberto M. Ribeiro / Marcos Vinícius

desenhista:
Marcos Vinícius Silva Gomes

revisão:
Francyla Bousquet

data:
jun 2010

Conforme o registro paroquial de terras declarado por seu proprietário, comendador Francisco José dos Reis, no ano de 1855, a Fazenda São Lourenço possuía uma sesmaria de meia légua em quadra e ¼ de outra. Segundo Reis, a fazenda foi adquirida por escritura de compra feita a Henrique Hetric como procurador da vendedora, sra. Joaquina Claudina Ludolf, Manoel José Bandeira, José Grabi, José Martins e os herdeiros do finado Carlos Emiliano de Souza. Reis declara também que esta sociedade abrangia o major Francisco Manoel de Abreu¹.

Segundo informações fornecidas por Júnior Fajardo e Plínio Fajardo Alvim², a Fazenda São Lourenço foi construída na segunda metade do século XIX, em 1865, e era considerada uma das maiores produtoras de café da região. Foi adquirida em 1918, pelo major Francisco Fajardo de Mello Campos, casado com Ambrósia Esméria de Campos, com quem teve treze filhos.

O major Chico Fajardo, como era conhecido, nasceu em 22 de setembro de 1855 no distrito de Piedade (atual Piacatuba), pertencente ao município de Leopoldina – MG. Era neto do barão do Rio Pardo e importante fazendeiro de Piedade, sendo também proprietário da Fazenda Santa Fé. Foi nomeado para a Guarda Nacional, em 1897, como capitão, e mais tarde promovido a major, tendo ainda ocupado o cargo de vereador geral em Leopoldina. Nascido em família de origem espanhola, foi descendente do marquês de Los Velez, D. Pedro Fajardo, em um clã que se destacou nos meios políticos e sociais de Minas Gerais.

Vários motivos levaram o major Chico Fajardo a vender todos os seus bens e em companhia de seus filhos solteiros, transferir-se para o distrito de Porto Velho. Em 1918, veio a comprar a Fazenda São Lourenço por 90 contos de réis, "de porteira fechada", seus 400 alqueires de terra cultivável e parte do mobiliário original do antigo proprietário. A extensão de terra da São Lourenço atingia alguns distritos de Carmo, como Porto Velho, Posse, Ilha dos Pombos e Prata.

Na década de 20, parte das terras da fazenda foram vendidas para a construção da Usina Hidrelétrica da Light and Power, projetada pelo engenheiro Asa W.K. Billings, tendo sido a madeira necessária para a execução do empreendimento fornecida pela São Lourenço.

Plínio Fajardo relata que "a Fazenda São Lourenço contava com belas janelas de venezianas e guilhotinas à moda européia, teto com acabamento mais detalhado pelas sancas, paredes revestidas com acabamentos de florais ou temáticos, condizentes com os cômodos e suas funções e o beiral, arrematado com telhas de louça pintadas à mão, o que resultava numa aparência ornamentada".

Além da bela sede, a fazenda possuía ao redor dos seus terreiros de café, várias edificações do trato rural e principalmente, as que davam suporte na produção cafeeira, incluindo um vagonete ou manobreira sobre trilhos para transportar o café.

O major ficou conhecido na região por suas festas memoráveis, com várias bandas de música e muita fatura. Faleceu em 22 de maio de 1926, vitimado pela picada de uma cobra jararaca. Considerado um respeitável benfeitor, muito querido por todos, foi responsável pela cessão do terreno onde foi instalado o Cemitério de Porto Velho. Posteriormente, homenageando a sua memória, a principal rua do distrito recebeu o seu nome.

A fazenda ficou, então, sob os cuidados de um de seus treze filhos, Faníbio Fajardo de Mello Campos, que nela morou até a transferência para seu irmão Flaminio Fajardo de Mello Campos, e permanece até hoje sob os cuidados dessa família.

Não se sabe ao certo, em que época ruiu ou foram demolidas as edificações contíguas ao casarão da fazenda. Foi relatado, no entanto, que a parte da casa-sede que foi demolida era uma construção anexa, assobradada, onde ficava a antiga cozinha e outros cômodos de serviço.

¹ Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Francisco José dos Reis. Fazenda São Lourenço. Registro feito em 28.12.1855, no Livro 24, Registro 46, p.13 e 13v. Freguesia de Nossa Senhora do Monte Carmo, município de Cantagallo. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

² Plínio Fajardo Alvim – Leopoldinense, pesquisador da história da Mata Mineira, sobrinho-bisneto do major Fajardo. Autor do livro *A família Fajardo em Leopoldina e Região* – em preparação.